

Do estatuto pronominal de ‘a gente’ e cliticização

(On the pronominal status of ‘a gente’ and cliticization)

Jania M. Ramos¹, Francisca Paula Maia²

¹Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

²Instituto de Letras – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

janiam@netuno.lcc.ufmg.br, fpaula@gmail.com

Abstract: This paper aims to focus on the controversy about the pronominal status of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese, started by Taylor (2009). Assuming the directionality of grammaticalization as directionality of syntactic movements (ROBERTS; ROUSSOU, 2003), the cline “a gente > a’ent > ent” is presented as evidence of movement from N to D. Supposing the directionality is an implicational scale, the cliticization of ‘a gente’ implies pronominalization.

Keywords: *Pronoun; Clitics; Grammaticalization; A Gente; Nominative.*

Resumo: Neste artigo focalizamos a polêmica sobre o estatuto pronominal de *a gente* no português brasileiro, instaurada por Taylor (2009). Assumindo a direcionalidade da gramaticalização como direcionalidade de movimento sintático (ROBERTS; ROUSSOU, 2003), a trajetória “a gente > a’ent > ent” é apresentada como movimento de N para D. Supondo que a direcionalidade é uma escala implicacional, argumentamos que a cliticização de ‘a gente’ implica por si a pronominalização.

Palavras-chave: *Pronome; Clítico; Gramaticalização; A Gente; Nominativo.*

Introdução

Estudos sobre gramaticalização, sob o ponto de vista formal, assumem que o processo de criação de novo material funcional envolve reanálise de material lexical ou de material funcional já existentes. A direcionalidade da gramaticalização tem sido identificada com a direcionalidade do movimento sintático: o movimento é assimétrico, realiza-se para a esquerda e na direção de alcançar posições estruturais cada vez mais altas (ROBERTS; ROUSSOU, 2003). A partir desse ponto de vista, este artigo vai focalizar uma polêmica sobre o estatuto gramatical de *a gente* na língua portuguesa.

Na primeira seção serão expostos os argumentos de Taylor (2009) contra a análise de ‘a gente’ como pronome. Na segunda seção apresentam-se evidências a favor da cliticização de ‘a gente’. Na terceira seção avaliam-se as consequências teóricas da cliticização em relação à análise de Taylor.

A polêmica

Taylor (2009) sustenta que ‘a gente’ não é pronome, contrariamente a Costa e Pereira (2012), Lopes (1999, 2002) e vários outros estudos desenvolvidos sob o enfoque da gramaticalização ou da teoria da variação.

Taylor mostra que ‘a gente’ aceita verbo flexionado na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural (1-2), o que vai motivar a proposta de duas estruturas sintáticas distintas. O autor aplica três testes sintáticos para mostrar o quanto ‘a gente’

se distancia de pronomes do PB: modificação por adjetivo (BAKER, 2004; RADFORD, 2004), coocorrência com numerais¹ (BHAT, 2004), e o teste *we men* (POSTAL, 1969).

(01) A gente sorriu

(02) A gente sorrimos²

(03) a. Nós felizes sorrimos (TAYLOR, 2009, p. 4 ex.11)

b. Nós três fomos à igreja (TAYLOR, 2009, p. 6 ex.24b)

c. Nós petistas temos que votar amanhã (TAYLOR, 2009, p. 7 ex. 27b)

(04) a. *A gente feliz sorriu (TAYLOR, 2009 p. 4 ex.12)

b. *A gente três foi à igreja (TAYLOR, 2009 p. 6 ex.25a)

c. *A gente petista precisa votar amanhã (TAYLOR, 2009 p. 7 ex.28a)

(05) a. *A gente feliz sorrimos (TAYLOR, 2009 p. 5 ex. 20)

b. *A gente três fomos à igreja (TAYLOR, 2009 p. 6 ex. 25b)

c. *A gente petistas precisamos votar amanhã (TAYLOR, 2009 p. 7 ex. 28b)

A má formação de (4)-(5) leva Taylor (2009) a afirmar que apenas ‘nós’ é pronome e por isso a estrutura (6a), mas não (6b), é uma descrição adequada.

(06) a. [_{DP} [_D nós] [_N petistas]] (TAYLOR, 2009, ex.35)

b. *_{DP} [_D a gente] [_N petistas]] (TAYLOR, 2009, ex.36)

Os contrastes em relação ao pronome ‘nós’ são apresentados por Taylor como evidências de que ‘a gente’ não é um pronome. Na próxima seção – Cliticização de ‘a gente’ no PB – retomaremos essas estruturas. Por enquanto, é importante ressaltar que Taylor rejeita que ‘a gente’ ocupa o núcleo de D.

Veja-se que Taylor toma o pronome ‘nós’ como núcleo, ignorando que ‘nós’ é um pronome forte e que pronomes fortes se comportam como XPs: podem receber acento contrastivo, podem ocorrer antes ou depois de advérbios sentenciais, podem ocupar a posição de tópico, etc. (CARDINALETTI; STARKE, 1995, 1999; LAENZLINGER; SHLONSKY, 1997; LAENZLINGER, 1998). Quanto à estrutura (6a), é discutível se o nome ali presente é um complemento ou uma aposição. A estrutura apresentada em (7), acompanhando Cardinaletti e Starke (1995) e den Dikken (2001), é mais coerente com a noção de pronome forte.

(07) [[_{DP} nós] [_{DP} petistas]] (CARDINALETTI, 1994; DEN DIKKEN, 2001)

¹ Para uma discussão sobre a adequação desses testes, ver Costa e Pereira (2012).

² Muniz (2008) analisa um *corpus* de entrevistas de 16 informantes da região de Ponta Porã (MS), assentados da Fazenda Nova Itamarati. Foram encontradas 335 ocorrências de ‘a gente’, sendo 3,28 % do tipo “a gente vamos” (11 ocorrências). Costa e Pereira (2012, p. 109) afirmam que o uso de *flexão* verbal na terceira pessoa do plural ocorre apenas no dialeto insular de São Miguel, nos Açores, mas não se circunscreve a essas regiões, ocorrendo eventualmente nos diferentes locais.

Até aqui vimos que as restrições apontadas por Taylor (2009) devem ser avaliadas com cuidado, pois o autor discute o estatuto pronominal de ‘a gente’ sem apresentar uma definição de pronome. Tendo isso em conta, vejamos as realizações de *a gente* no Português Brasileiro Falado, em registros informais.

Cliticização de ‘a gente’ no PB

Estudos sobre a cliticização de ‘a gente’ mostram que esse processo é sistemático no PB. Menón (1994, 1996) formula de maneira bastante interessante a questão que diz respeito à cliticização: *o ponto de partida [para o processo] foi o nome ‘gente’ ou foi a expressão nominal ‘a gente’?* Nas palavras de Menón:

Em português temos que estudar o fenômeno [da gramaticalização de *a gente*] no nível [...] da locução. [...] Num dado momento do português [...] dentre as várias construções possíveis, especializou-se o uso da locução formada com o artigo *a* mais o substantivo. Passa, então, a ser uma das formas de expressar “sujeito indeterminado”. Desse uso, possivelmente derivou o emprego de *a gente* por *nós*. (1996, p. 624-625)

Menón (1996, p. 626) apresenta uma sequência de formas foneticamente reduzidas de ‘a gente’, e informa que, nos dados do NURC (1994), encontrou [a.ẽ.ˈtɪ] com acento deslocado para a última sílaba. A última etapa descrita é [ẽ.ˈtɪ], à qual a autora não acrescenta comentários, embora seja essa de grande importância no processo de gramaticalização, conforme veremos mais adiante.

Zilles (2002, 2005), diferentemente de Menón, faz uso do termo cliticização. Documenta a queda do segmento [ʒ] em ‘a gente’, o que leva à realização [aˈent], e enfatiza que esse processo se restringe às ocorrências de ‘a gente’ na posição sujeito (ZILLES, 2005, p. 28; tradução nossa³).

Até onde sei, não há evidência de um processo geral, em andamento na língua, que tenha o efeito de apagar o segmento fricativo inicial. A redução cujo resultado é aˈente parece restrita a esse item lexical específico quando em posição de sujeito.. Zilles (2005) comenta que há relatos de cliticização em textos dos anos 70.

The only place where [h] occurs with any frequency as a sibilant allophone in non-syllable-final position is in the word *gente*, “which varies in pronunciation between [ʒẽjĩ], [hẽjĩ] and [ẽjĩ]. (GUY, 1981, p. 111)

Por não serem quantificados, tais relatos teriam valor histórico, segundo Zilles (2005, p. 28).

Os estudos referidos até aqui documentam a manutenção da última sílaba de ‘a gente’. A pesquisa de Oliveira (2012) vai documentar a queda desse segmento. Investigando o processo fonológico de queda de sílaba final, num *corpus* formado por entrevistas sociolinguísticas com informantes de Itaúna (MG), Oliveira (2012), após rigoroso tratamento quantitativo, enumera os itens que, com maior frequência, sofrem tal processo.

³ No original: “As far I know, there is no evidence of a general phonological process going on in the language that would have the effect of deleting this initial fricative segment. The reduction seems to be restricted to this specific lexical item. The reduction of aˈente is also constrained to the subject position.”

Tabela 1. Frequência de ocorrência de três processos fonológicos nos itens mais frequentes no *corpus* (Reprodução parcial da Tabela 34, apud OLIVEIRA, 2012, p. 208)

Itens	Forma plena		Apagamento de vogal final		Apagamento de sílaba final		Total
	No.	%	No.	%	No.	%	
Ele	14	12,28	33	29,0	67	58,8	111
Gente	2	12,28	19	48,7	18	46,2	039
Outros itens	281	27,2	647	62,7	104	10,1	1032

Nessa tabela o percentual de apagamento de sílaba final do item ‘a gente’ se aproxima dos percentuais do pronome *ele* e se afasta do percentual dos demais itens.

Oliveira (2012) realiza o cálculo de regressão logística multivariável, contrapondo ‘a gente’ aos demais itens, e encontra o peso relativo de, respectivamente, .79 e .21. O apagamento de sílaba átona final foi analisado nos seguintes ambientes: (a) antes de consoante, (b) em fronteira de frase fonológica e (c) em sílaba anterior pesada, excluindo-se as ocorrências simultâneas de modo e ponto de articulação. Oliveira (2012, p. 188) comenta:

[...] o apagamento de sílaba ocorre sem compartilhamento simultâneo de ponto e modo de articulação entre as consoantes e quando a sílaba seguinte é acentuada, fatores [estes] desfavorecedores do processo.

Esse resultado é inesperado, uma vez que a queda de sílaba se efetiva, apesar de o ambiente fonológico ser adverso, como em (8).

(08) vamos esperar vir o calor [...] **a gen’** pode ir (OLIVEIRA, 2012, p. 188, ex.104)

Na busca de explicação, Oliveira (2012) avança a hipótese de que a queda de sílábica decorreria da frequência do item. Mas mesmo essa explicação é descartada pelo autor, levando-o a concluir que

O apagamento de sílaba na elisão fonética não está relacionado a aspectos fonético-fonológicos somente, mas sofre também interferência de processos de gramaticalização. (OLIVEIRA, 2012, p. 219)

(09) vamos esperar vir o calor ... [a’zẽ’po’dzi] (a gente pode ir) (OLIVEIRA, 2012, p. 188, ex.104)

Essa conclusão decorre do fato de que apenas um pequeno conjunto de itens sofreu queda de sílaba final: *ele/ela, mesmo, nossa, olha*, e os gerúndios. Sobre esses itens, há análises independentes que mostram estarem em processo de gramaticalização.⁴

⁴ Ver Correa (1998) sobre cliticização de *ele/ela/eles/elas*; ver também Souza (2012.). Ver Ramos (2010) sobre o processo de gramaticalização *nossa>...> nó*. Sobre ‘*mesmo*’, ver Oliveira e Cacciaguerra (2009). Sobre ‘*olha*’, ver Risso (1999, 2006).

Retomando a análise de ‘a gente’, vejamos uma pesquisa em que se utilizou análise acústica. Maia (2012) realiza análise quantitativa das várias formas que correspondem a etapas do processo de erosão fônica de ‘a gente’. Na Figura 1, aparece o espectrograma de uma ocorrência em que há queda de [a] e queda de sílaba final. Na Figura 2 aparece o espectrograma de uma ocorrência em que não há queda de segmentos. Os enunciados completos em que as ocorrências se realizam aparecem nas legendas das figuras.

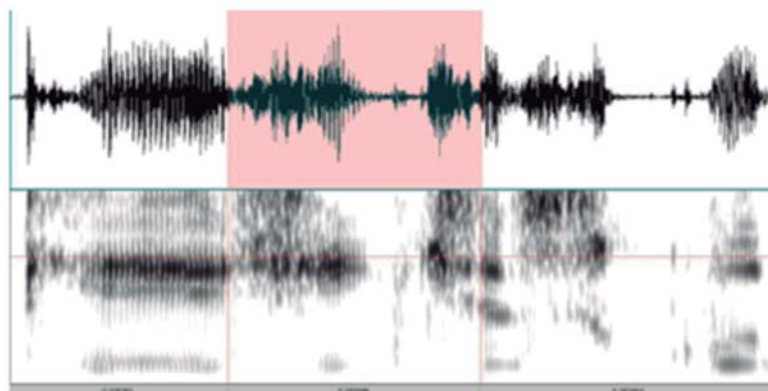


Figura 1. Realização [ʔɛ̃j] com que do ‘a’ inicial (apud MAIA, 2012, p. 85, Fig.19, enunciado “porque [ʔɛ̃j] (‘a gente’) iscuta isso todos os dias ne e num imagina isso acontecenu na... na nossa familia. (E8-17JF)).

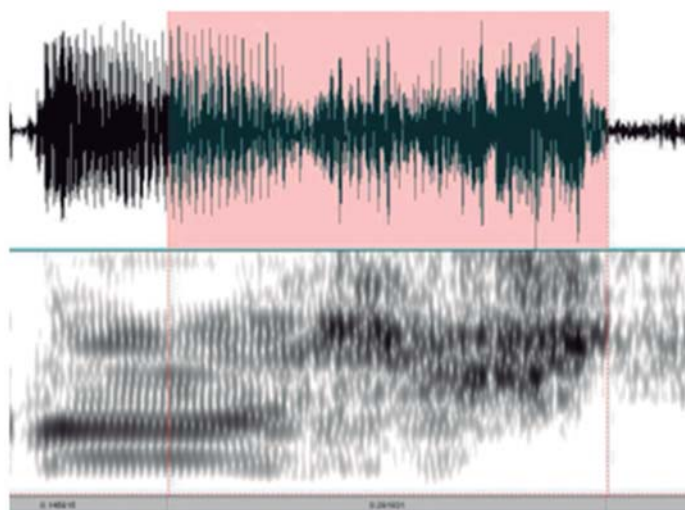


Figura 2. Realização a gente [aʔɛ̃jI] com alteracao da vogal [ɛ̃] para desvozeada e da realizacao de silaba final sem [t] (apud MAIA, 2012, p. 91, Fig.16, enunciado “(66) ... entao assim... tanto que pra [aʔɛ̃jI] (‘a gente’) tomá banho... (E1-40JS) (E8-17JF)).

Maia (2012, p. 115) identifica 40 ocorrências em que há queda de [a] e verifica que a queda é favorecida pela queda de segmentos finais (.97). Essa correlação é interpretada como evidência de que houve cliticização de *a gente*.

Os casos de queda da vogal [a] são de especial interesse porque a ausência do artigo não faz com que o item seja interpretado como nome genérico.

- (9) a. [ʒẽ] tinha que buscá água... (MAIA, 2012, p. 132 ex.142)
 b. *Gente tinha que buscar água
- (10) a. mas nem sempre e esse efeito que [ẽt] quer (MAIA, 2012, p. 133, ex.122)
 b. *mas nem sempre e esse efeito que gente quer

A má formação de (9b) e (10b) confirma que o item realizado como [ʒẽ] e [ẽt] não é interpretado como genérico. Em outras palavras, os traços de [DET], núcleo da categoria em que o artigo se realiza, estão presentes em (9a) e (10a).

A correlação entre artigo e cliticização pode ser assim capturada: ambos realizam traços-phi presentes em D. Essa correlação remete-nos à questão formulada por Menón, em que a pesquisadora aponta a locução como uma etapa relevante no processo de gramaticalização de *a gente*.

Todas as ocorrências de [ʒẽ], identificadas por Maia (2012), realizam-se na posição sujeito. Resultado semelhante é encontrado por Zilles (2005). Por se realizarem nessa posição, essas ocorrências têm sido rotuladas de formas fracas. Estamos aqui nos referindo a elas como clíticos porque, na Forma Lógica, estas formas se movem como X^o (GROHMANN, 2000, p. 27).

A cliticização de ‘a gente’ não é um caso isolado. No francês, a cliticização de *home* percorreu uma trajetória semelhante, conforme se vê a partir das etapas (A-D), descritas por Ramat e Sansò (2007).

A) Ocorrer muitas vezes precedido por um artigo definido.

- (11) **I'em** |le quist⁵ (SAINT EUSTACE, 12, 11) [Francês Antigo]
 ‘eles procuraram por ele’

B) Ser retomado algumas vezes por pronome pessoal, em coordenadas.

- (12) **on chant et il danse** (ROLLAND, 311) [Francês Antigo]
 ‘canta e dance’

C) Ser compatível com concordância no plural e no feminino.

- (13) Quando on est belles (EGERLAND, 2003, p. 79)

D) Ter-se tornado [+definido] não antes do século 19, havendo similaridade entre *on* e *nous*. (COVENEY, 2000, p. 450)

Comparem-se os percursos (14a)-(14b) e os enunciados (11)-(15) e (12)-(16):

- (14) a. Home> ..> em.>...> on
 b. A gente>....> zen

⁵ Nyrop (1925, p. 369ff), Jensen (1990, p. 237ff) e Welton-Lair (1999, p. 133ff) *apud* Ramat e Sansò (2007, p. 110, n. 13).

(15) o que [aʒɛtʃ] (a gente) vive no dia a dia mesmo.⁶

(16) E [əʒɛtʃi] (a gente) acaba... eu acabo... o que eu posso ver⁷

A comparação com o francês permite supor que a ocorrência do artigo seja apenas uma etapa transitória, uma vez que, no francês, ocorreu antes de ‘on’ no século 12 e hoje não mais. Essa suposição remete à mudança acentual apontada por Menón (1996, p. 626), em que [a.ˈẽ.ti] passou para [a.ẽ.ˈti]. Parece que, nesse momento, [a] perde o estatuto de artigo, sinalizando o movimento de N para D.

Além das propriedades (A) e (B), outra semelhança entre ‘on’ e ‘a gente’ pode ser apontada: ambos têm sua origem num nome geral.⁸ Lopes (1999, p. 34), embora sem usar o termo ‘nome geral’, afirma que o substantivo *gente* apresentava interpretação semântica similar à de povo, grupo. Veja-se que *pessoa*, *homem*, *povo*, *grupo* são nomes gerais que se referem a seres humanos.⁹ Em seu estudo sobre a gênese dos pronomes, Heine e Song (2010, p. 124) mostram que nomes gerais (‘generic nouns’) para seres humanos podem se desenvolver em pronomes de primeira pessoa do plural e também de terceira pessoa. O autor cita, como exemplos, ‘a gente’ no português e ‘ke’ na língua sudanesa Lendu.

Nesta seção apresentamos evidências de que ‘a gente’ se realiza como clítico [ʒẽ] e vimos também que se origina de um nome geral.

Formação de clíticos

Para que um nome dê origem a um clítico, é necessário que tenha se realizado como (a) DP argumental, (b) núcleo nominal e (c) predicado, quer em miniorações ou vocativos. Essas ocorrências viabilizam a reanálise do nome, conforme argumenta Gelderen (2004, 2006). A reanálise como núcleo seria, de fato, um princípio gramatical que, ao lado de outros, tornariam a gramaticalização uma parte da Gramática Universal. Os três princípios são:

- (17) a. *Head Preference Principle* (HPP): ser um núcleo, e não um sintagma (GELDEREN, 2006, p. 6);
b. *Late Merge Principle* (LMP): compor o mais tarde possível (GELDEREN, 2006, p. 10);
c. *Specifier Incorporation Principle* (SIP): quando

⁶ Dado n.41, pertencente ao Corpus analisado por Maia (2012).

⁷ Dado n.54, pertencente ao Corpus analisado por Maia (2012).

⁸ “Nomes gerais, termo proposto por Halliday e Hasan (1976), são substantivos frequentes, bem genéricos e em geral contáveis, que se afastam da hiperonímia, por se encontrarem em um nível de generalização extremamente alto, ou seja, a relação que estabelecem com outros itens lexicais é muito menos estreita que a de um hiperônimo/hipônimo convencional, como *móvel/cadeira* (MIHATSCH, 2006b). Seus significados, entretanto, não podem ser descritos sem o contexto em que ocorrem (MAHLBERB, 2005, p. 37).

⁹ Os nomes gerais são anafóricos (MAHLBERB, 2005, p. 37):

(i) Eu vi o Pedro. Essa **pessoa** sempre está onde estou.

(ii) Pedro, Marina e eu saímos. Nosso **grupo** sempre sai às sextas.

(iii) Meus vizinhos fazem muito barulho. Será que esse **povo** nunca se cansa?

Uma lista dos nomes gerais no português brasileiro é apresentada em Amaral e Ramos (2014, p. 23).

possível, seja um especificador e não um adjunto (GELDEREN, 2006, p. 15).¹⁰

Assim, um sintagma mais baixo (via LMP) pode ser reanalisado como especificador, e depois o especificador é reanalisado como núcleo (via HPP).

Assumindo a proposta de Gelderen (2006), podemos fazer as seguintes previsões em relação a ‘a gente’. Devemos encontrar ‘a gente’ como DP argumental, como DP predicativo e como Vocativo. Essas previsões se confirmam:

(a) DP argumental:

(18) tanto eu quanto a mãe, **a gente** [αʒẽtʃ] ajudava. (MAIA, 2012, p. 12:n.168)

(b) D núcleo como predicativo:

(19) Essas coisas são a gente.

(c) N núcleo, como vocativo:

(20) tem politico na cidade dizendo que esta trazendo a loja para Itauna. **Gente**, presta atenção. Nao tem nada disto¹¹

As ocorrências (18)-(20) mostram que o percurso previsto pela hipótese de Gelderen foi efetivado por ‘a gente’ no PB.

As evidências reunidas até aqui permitem apresentar a seguinte trajetória de ‘a gente’:

(21) DP > NP > N° > > Clítico

O espaço pontilhado corresponde ao estatuto pronominal questionado por Taylor (2009).

Conforme referido na introdução e na seção Formação de clíticos, a adoção de uma abordagem formal da gramaticalização assume que a gramaticalização é um processo que envolve a criação de novo material funcional, por meio de reanálise de material funcional ou de material lexical já existentes (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p. 2). No caso em análise, o material lexical existente é o nome ‘gente’, que sofreu reanálise. Uma etapa importante é o uso desse item precedido de artigo definido, usado então como anafórico (LOPES, 1997). Posteriormente é usado como clítico (ZILLES, 2000; MAIA 2012). Seu percurso recebe, nos estudos de gramaticalização, a seguinte descrição:

(22) Nome > Pronome > Clítico > afixo

¹⁰ Gelderen (2006).

¹¹ Dado pertencente ao *Corpus Itaúna*, organizado por Alan Jardel Oliveira.

Roberts e Roussou (2003) relacionam a direcionalidade representada em (25) com direcionalidade do movimento sintático: o movimento é assimétrico, na medida em que se realiza à esquerda e para na direção de alcançar posições estruturais cada vez mais altas.

A polêmica em torno da pronominalização de ‘a gente’, se situada em (22), conduz à seguinte questão:

(23) Nome > ? > Clítico > afixo

Se a direcionalidade retratada em (21) é a direcionalidade do movimento sintático, então cada etapa obedece ao princípio de localidade. Se é assim, então poderemos ver em (22) e (23) uma escala implicacional, o que nos permitirá afirmar que ‘a gente’ é pronome. Se não tivesse alcançado essa etapa, não teria se tornado um clítico.

Conclusões

A polêmica que diz respeito ao estatuto pronominal de ‘a gente’ coloca em tela discussões sobre temas controversos: a noção de pronome e a noção de clítico. Conforme já ressaltamos, os estudos analisados discutem o estatuto pronominal de ‘a gente’ sem apresentar uma definição de pronome. Neste artigo procuramos reunir argumentos favoráveis à identificação de ‘a gente’ como pronome. Ao discutir as estruturas propostas, pudemos extrair consequências sintáticas do processo de cliticização de ‘a gente’. Foi possível alinhar esse fenômeno no PB a outro no francês (o clítico *on*), apontando as semelhanças.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, E.; RAMOS, J. *Nomes gerais no Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Fale/UFMG, 2014.
- BAKER, M. *Lexical categories: nouns, verbs, and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BHAT, D. *Pronouns*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CARDINALETTI, A.; STARKE, M. The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes. In: RIEMSDIJK, H. van (Ed.) *Clitics in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. p. 145-233.
- _____. The tripartition of pronouns and its acquisition: principle B puzzles are ambiguity problems. In: BECKMAN, J. (Ed.) *Proceedings of the North East Linguistic Society 25*. Amherst: Mass, 1995. (v. 2: Papers from the workshops on Language Acquisition & Language Change)
- COSTA, J.; PEREIRA, S. *A gente: revisitando o estatuto pronominal e a concordância*. In: SEDRINS, A. P. et al. (Org.) *Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura*. Alagoas: Editora da UFAL, 2012. p. 101-122.
- CORRÊA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. 89f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- COVENEY, A. Vestiges of *nous* and the 1st person plural verb in informal spoken French. *Language Sciences*, n. 22, p. 447-481, 2000.

- DÉCHAÎNE, R.; WILTSCHKO, M. Decomposing pronouns. *Linguistic Inquiry*, n. 33, p. 409-442, 2002.
- Den DIKKEN, M. “Plurilinguals”, pronouns and quirk agreement. *The Linguistic Review*, n. 18, p. 19-41, 2001.
- EGERLAND, V. Impersonal Pronouns in Scandinavian and Romance. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, n. 71, p. 75-102, 2003.
- GELDEREN, E. *Economy of merge and grammaticalization: two steps in the evolution of language*. 2006. Disponível em: <www.public.asu.edu/~gelder/elly.htm>. Acesso em: 29 set. 2011.
- _____. *Grammaticalization as Economy*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2004.
- GROHMANN, K. Towards a syntactic understanding of prosodically reduced pronouns. *Theoretical Linguistics*, v. 26, p. 175-210, 2000.
- GUY, G. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 1981. PhD Dissertation. University of Pennsylvania. Disponível em <http://repository.upenn.edu/dissertations>. Acesso em: jun. 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 14. ed. London / New York: Longman, 1995 [1976].
- HEINE, B.; SONG, K.-N. On the genesis of personal pronouns: some conceptual sources. *Language and cognition*, v. 2, n. 1, p. 117-147, 2010.
- _____. On the grammaticalization of personal pronouns. *Journal of Linguistics*, v. 47, p. 587-630, 2011.
- Humanitas. 25-46.
- JENSEN, F. 1990. *Old French and comparative Gallo-Romance syntax*. Tu bingen: Niemeyer, 1990.
- LAENZLINGER, C. *Comparative studies in word order variation: adverbs, pronouns and clause structure in Romance and Germanic*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- LAENZLINGER, C.; SHLONSKY, U. Weak Pronouns as LF Clitics: Clustering and adjacency effects in the pronominal systems of German and Hebrew. *Studia Linguistica*, n. 51, v. 2, p. 154-185, 1997.
- LOPES, C. R. dos S. De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. (ed.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- _____. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- MAHLBERG, M. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.
- MAIA, F. P. Investigando as formas reduzidas de *a gente* no dialeto mineiro. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. 203p.
- MENON, O. da S. 1996. *A gente: um processo de gramaticalização*. *Estudos Linguísticos*, n. 25, v. 1, p. 622-628, 1996.
- MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique de l’indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données Du NURC-SP*. Thèse (Doctorat) – Université de Paris 7, Paris, 1994.

- MIHATSCH, W. *Kognitive Grundlagen lexikalischer Hierarchien: untersucht am Beispiel des Französischen und Spanischen*. Tübingen: Max Niemeyer, 2006b.
- MUNIZ, C. A. G. Nós e a gente: traços sociolingüísticos no assentamento. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008. 126 p.
- NYROP, K. *Grammaire historique de la langue française*. Copenhagen: Gyldendalske, 1925. Tome V.
- OLIVEIRA, A. J. “Comendo o final das palavras”: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. 297p.
- OLIVEIRA, A. K. M.; CACCIAGUERRA, V. A Gramaticalização do Item “mesmo”: a mudança nas línguas românicas. *Revista Anagrama*, n. 3, p. 1-13, 2009.
- POSTAL, P. On So-called “Pronouns” in English. In: REIBEL, D.A.; SCHANE, S.A. (Ed.). *Modern Studies in English: Readings in Transformational Grammar*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1969.
- RADFORD, A. 2004. *Minimalist Syntax: Exploring the Structure of English*. Cambridge:
- RAMAT, A.; SANSÒ, A. The spread and decline of indefinite man-constructions in European languages. In: RAMAT, P.; ROMA, E. – (Ed.) *Europe and the Mediterranean as Linguistic Area*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- RAMOS, J. M. Interjeições e Gramaticalização: Nô! E Nossa Senhora. In: VITRAL, S.; COELHO, S. (Org.). *Estudos de Processos de Gramaticalização em Português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 315-332.
- RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. v. 1. p. 427-496.
- _____. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v.7.
- ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic Change. A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- SOUZA, E.M. Pronomes indefinidos: uma classe homogênea? Tese (Doutorado Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.
- TAYLOR, M. On the pronominal status of Brazilian Portuguese *a gente*. *NYU Working Papers in Linguistics*, Volume 2: Papers in Syntax, Spring 2009.
- WELTON-LAIR, L. K. The evolution of the French indefinite pronoun *on*: a corpus-based study in grammaticalization. PhD dissertation, Cornell University, 1999.
- ZILLES, A. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, p. 19-53, 2005.